



Tipificação de papéis de género, escolha de brinquedos e de amigos na infância

Classification of gender roles, choice of toys and friends in childhood

Filomena Velho, Elisabete Brito, Florbela Rodrigues
Instituto Politécnico da Guarda

Resumo

Pretendemos conhecer o processo evolutivo e as características das crenças infantis (3-10 anos) de papéis de género e os fatores associados. Considerámos as variáveis: tipificação de papéis de género (número de respostas convencionais e argumentos de tipificação); preferência de brinquedos tipificados; preferência de amigos e argumentos de escolha. É um estudo onde analisamos a associação das crenças, com aspetos sócio demográficos (idade, sexo, nível socioeconómico, estrutura familiar) e de desenvolvimento (nível cognitivo entendido em termos Piagetianos). Comprovámos a existência de processos evolutivos nas crenças infantis analisadas, associados a vários fatores.

Palavras-chave: papéis de género, crenças infantis, fatores associados

Abstract

We intend to know the evolutionary process and as characteristics of children's beliefs (3-10 years) of gender roles, as well as the factors associated. We considered the variables: typification of gender roles (number of conventional responses and typing arguments); preference for typified toys; preferences of friends and arguments of choice. Is a study where we analyze the association of children's beliefs, with socio-demographic aspects (age, sex, socioeconomic level, family structure) and development (cognitive level understood in Piagetian terms). We verified the existence of evolutionary processes in the children's beliefs analyzed, associated to several factors.

Keywords: gender roles, child beliefs, associated factors

O género organiza papéis sociais tal como papéis biológicos. No contexto de uma teoria biológica intuitiva, a distinção fundamental é entre o género masculino e o feminino, sendo fundamental para a compreensão das teorias intuitivas sociais das crianças. Os papéis de género estão presentes ao longo da vida e mudam quando ocorrem mudanças sociais e também com as novas competências que vão sendo adquiridas (Badinter, 1992; Calderone e Johnson, 1983; Lopez, 2005; Lopez e Fuertes, 1989; Marques, 2002; Zapian, 2001). Desde o nascimento, o grupo social atribui à criança um papel de género (Barragan, 1991; Durkin, 2005). Este processo é feito a partir dos genitais externos, dos nomes sexuais, da atribuição de roupas, penteados, adornos, brinquedos e jogos tipificados, na perspetiva cultural dos adultos. Aprende-se a ser rapaz ou rapariga desde o berço e até

antes (Mantilla, 2006). Existem relações fortes de associação entre o comportamento parental e o comportamento relativo ao papel de género das crianças (Maccoby, 1990, 1999). A identidade de género é uma construção não apenas a nível biológico, mas também a nível psicológico e social. Este processo é o resultado de uma série de operações psicológicas que se iniciam na infância e se prolongam até ao final da adolescência (Marques, 2002; Mantilla, 2006). A criança distingue a sua identidade de género ao diferenciar-se das pessoas do sexo oposto e ao identificar-se com as do mesmo sexo (Badinter, 1992; Lopez, 2005; Lopez e Fuertes, 1989; Marques, 2002; Zapian, 2001). Este processo ocupa um lugar relevante no desenvolvimento, ocorrendo entre os 2 e os 7 anos, aproximadamente. A identidade de género e a diferenciação de papéis podem ser observadas no que as crianças dizem e fazem desde muito cedo (entre os 18 e 24 meses). É por volta desta idade que se dão conta que há dois tipos de pessoas diferentes: rapazes, raparigas; homens e mulheres. (Barragan, 1991). Gesell (1956), Kohlberg (1972) e Money e Ehrhardt (1972) sublinham a importância da linguagem nas primeiras construções sexuais. Carey (1985) considera que as crianças pequenas vêm os comportamentos apropriados ao género e vêm o uso de roupas apropriadas a cada género como uma questão de certo e errado. Percecionam o comportamento e funções das mães e pais de forma diferente e também tipificada (Goldman, 1982; Lopez, 1984). Existem ao longo da infância mudanças na escolha de brinquedos e de colegas para brincar (Goldman, 1982; Lopez, 1988; Maccoby, 1999). Especificamente Maccoby (1999) investigou as escolhas das crianças quanto ao género, tendo constatado que existe preferência pelo mesmo género e evitação pelo género oposto, aquando da escolha dos parceiros sociais. A base desta escolha tem a ver, com as competências sociais e o estilo de brincadeiras. O facto de as crianças se juntarem espontaneamente em pares ou grupos do mesmo género vai conduzi-los a diferentes percursos. A aprendizagem social e a aquisição de procedimentos cognitivos são processos que estão envolvidos com a diferenciação de comportamentos sociais. Lopez (1988), a propósito da preferência de amigos ao longo da infância e de brinquedos e jogos tipificados sexualmente, comprova que as preferências mudam com a idade, verificando-se uma tendência cada vez mais acentuada para a escolha de amigos e companheiros de jogo do seu sexo. Refere

também que a tipificação é mais clara quando é atribuída aos outros do que a eles próprios. Goldman (1982), afirma que nas escolhas das crianças, relativamente à preferência de amigos, existem estereótipos de papéis de género evidentes, que parecem predominar rigidamente até aos 5 anos, tornando-se de seguida mais flexíveis. Também Trautner et al (2005), aponta para fases iniciais de rigidez na categoria das crenças e dos comportamentos relevantes de género, tornando-se progressivamente mais flexíveis.

Métodos

Estabeleceram-se como objetivos desta investigação: conhecer o tipo de crenças infantis acerca de papéis de género, assim como o processo de aquisição das mesmas e analisar as relações existentes entre o processo evolutivo e características de cada estágio das mesmas crenças e as variáveis sócio demográficas e de desenvolvimento. Trata-se de um estudo correlacional, quase experimental, com metodologia qualitativa e quantitativa, tendo sido o inquérito por entrevista e por questionário os principais métodos de recolha de dados. A nossa amostra é incidental, constituída por um grupo de 566 crianças de 3 a 9 anos, de pré-escolas e escolas do 1º CEB do concelho da Guarda. Foram distribuídos 1000 questionários (pedido de dados sócio demográficos e autorização para a entrevista), aos pais das crianças e realizadas as entrevistas semiestruturadas às crianças. Todas as entrevistas começaram com as provas clássicas de conservação de sólidos e líquidos de Piaget (Piaget, 1981; Piaget e Inhelder, 1969). Para conhecermos as crenças de género analisadas, bem como o seu processo evolutivo, utilizámos como instrumento de medida, o desenvolvido por Lopez (1984). As variáveis independentes consideradas foram: sócio demográficas (idade, sexo, estrutura familiar e nível sócio económico) e de desenvolvimento (nível cognitivo entendido em termos piagetianos). As dependentes foram as crenças infantis de tipificação de papéis de género (número de respostas convencionais e argumentos de tipificação); preferência de brinquedos tipificados; preferência de amigos e argumentos de escolha. A variável tipificação de papéis de género (número de respostas convencionais e argumentos de tipificação) contém de forma sistematizada as respostas às questões acerca de atividades tipificadas, obtidas através de uma imagem representativa de uma família convencional (pai, mãe, filho e filha). As questões formuladas foram: *agora todos os elementos desta família vão buscar o carro e vão para casa almoçar: quem vai a conduzir? quem faz o almoço quando chegarem a casa? e depois de almoçarem, quem lava a louça? quem trata mais das crianças? se o carro se estragar quem é que o leva à oficina? quem costuma ir comprar o jornal?* Relativamente à variável preferência de brinquedos tipificados utilizámos figuras com brinquedos tipificados (boneca, brinquedos de cozinha, carro, bola e avião). Pedimos às crianças que escolhessem três brinquedos e perguntámos se escolheriam, para brincar, uma criança do mesmo género ou de género diferente e porquê. Nos quatro casos registámos e pontuámos a tipificação do ponto de vista do papel de género expresso. Descrevemos, de seguida, a

categorização efetuada ilustrando-a com crenças das crianças. *Tipificação de Papéis de Género: Número de Respostas Convencionais.* Para cada uma das questões de tipificação de papéis e *Argumentos de Tipificação*, considerámos três possibilidades de resposta: convencional, não convencional e mistura de argumentos. Considerámos totalmente convencionais, os argumentos muito tipificados: *as mães normalmente são mais arrumadas e gostam mais de fazer as limpezas na casa e de tratar da roupa dos filhos; os pais gostam mais de andar na rua a fazer outras coisas e de chegar a casa e não fazer nada* (7 anos, rapaz). Na categoria de mistura de argumentos considerámos a alternância de argumentos convencionais com não convencionais: *conduzem os dois, mas o pai conduz mais; cozinham os dois, mas a mãe cozinha mais; a mãe lava a loiça quando o pai não quer lavar; o pai e a mãe tratam de mim; a mãe leva o carro à oficina quando ao pai não apetece* (5 anos, rapariga). Nos argumentos não convencionais incluímos os que se distanciavam visivelmente dos tipificados: *os pais e as mães devem saber fazer tudo os dois porque não há trabalho de mulher nem de homem; se quiserem, os dois sabem e podem fazer as mesmas coisas* (9 anos, rapaz). *Preferência de Brinquedos Tipificados.* As categorias assinaladas correspondem à escolha de brinquedos tipificados. Considerámos a categoria “totalmente masculino” ou “totalmente feminino”, a escolha de três brinquedos tipificados, masculinos ou femininos; “mistura com tendência masculina”, dois brinquedos tipificados como masculinos e um como feminino e “mistura com tendência feminina” dois brinquedos tipificados como femininos e de um tipificado como masculino. Considerámos escolha inversa quando um rapaz escolhia três brinquedos tipificados como femininos, ou quando uma menina escolhia três brinquedos de tipificação masculina. *Preferência de Amigos:* as categorias consideradas resultaram da escolha da criança relativa à preferência de amigos: do mesmo sexo; de sexo diferente ou indiferente. Os *argumentos de Escolha* foram categorizados em: não justifica; identidade de atividades ou interesses; identidade de sentimentos ou comportamentos; pressão social e atração sexual. Na categoria de identidade de atividades ou interesses obtiveram-se respostas como: *Gosto mais de brincar com rapazes porque as meninas só gostam de bonecas e eu não sou nenhum maricas...* (6 anos, rapaz). Na categoria de identidade de sentimentos ou comportamentos retivemos respostas como: *prefiro brincar com meninas porque elas são mais amigas e confio mais nelas; além disso as mães deixam-nos dormir umas em casa das outras* (9 anos, rapariga). Na categoria de pressão social relatamos: *prefiro brincar com meninas porque a minha mãe sempre me ensinou que meninas brincam com meninas meninos brincam com meninos e ela não gosta nem me deixa brincar com rapazes* (9 anos, rapariga). Na categoria de atração sexual as crianças mostram o início de uma preferência de escolha: *gosto mais de brincar com meninas para arranjar uma namorada porque não tenho nenhuma e gostava de ter; eu gosto de namorar e só gosto das bonitas; a seguir às meninas o que mais gosto é jogar à bola* (8 anos, rapaz).

Resultados

Através da análise de frequências e percentagens das várias categorias de respostas, e da análise estatística realizada, comprovámos a existência de percursos evolutivos ou de diferenciação nas várias crenças analisadas, sob a associação com diversos fatores. Apresentamos na tabela 1 as relações significativas comprovadas.

Tabela 1.
Sistematização de resultados

Variáveis Dependentes	Variáveis Independentes				
	Idade	Sexo	EstF	Nse	NdcP
Tipificação de papéis de género: número respostas convencionais	x	x	x	x	x
Tipificação de papéis de género: argumentos de resposta	x		x	x	x
Preferência de brinquedos	x	x		x	x
Preferência de amigos	x				x
Preferência de amigos: argumentos de escolha	x			x	x

Tal como esperávamos, a idade é determinante no processo de construção e elaboração das crenças consideradas. Comprova-se que a evolução na idade acompanha o processo de evolução das crenças. Em relação à variável *Tipificação de Papéis de Género (número de respostas convencionais e argumentos de justificação)*, a percentagem da categoria “todas as respostas convencionais”, diminui com a idade. Quanto aos argumentos de tipificação, a percentagem da utilização de “argumentos convencionais”, aumenta com a idade embora, o número de todas as respostas convencionais, diminua: *os pais são mais fortes e conduzem com mais força; as mães são mais fracas e têm que fazer as coisas que não precisam de tanta força; os pais quando não conduzem ou não trabalham ficam em casa a ver TV e as mães estão sempre a tratar da casa e dos filhos* (8 anos, rapaz). Comprovámos que, a “mistura de argumentos” embora ocorra em menor percentagem, também aumenta também com a idade: *eu vejo muitos homens a conduzir mas as mães também podem conduzir; a mãe tem mais jeito para fazer o almoço e para lavar a loiça porque ela faz tudo; dos filhos tomam conta os dois e dão colo; também já vi muitos homens a comprar o jornal mas também já vi muitas mulheres* (5 anos, rapariga). Já os argumentos “não convencionais” diminuem com a idade: *tanto podem conduzir o pai como a mãe porque sabem os dois e fazer a comida também; a loiça também lava o pai porque a mãe vai para a sala e tratam os dois de mim; a mãe é que leva o carro à oficina porque é ela que o estraga* (5 anos, rapaz). Na categoria

de *Preferência de Brinquedos Tipificados*, muitas das crianças, acompanharam as suas escolhas com comentários depreciativos em relação aos brinquedos próprios do sexo oposto (*eu não sou nenhum maricas para escolher bonecas e cozinhas...isso é de menina...!*). A percentagem da escolha “totalmente masculino” e “totalmente feminino” aumenta com a idade; as escolhas referentes a “mistura com tendência masculina” são superiores para os 3 e 4 anos, o mesmo acontecendo com a categoria “mistura com tendência feminina”. Verificámos, pois, que as escolhas das crianças tenderam a mudar, evoluindo progressivamente da escolha indiferenciada de brinquedos mistos quanto à sua convencionalidade, para brinquedos tipificados como masculinos ou femininos. Em relação à *Preferência de Amigos e Argumentos de Escolha*, a escolha de amigos “do mesmo sexo” aumenta com o aumento da idade acontecendo o contrário com a escolha de amigos “de sexo diferente”. A escolha indiferente existe apenas no grupo de 3-4 e de 5-6 anos, o que significa que as crianças pequenas brincam indiscriminadamente com ambos os sexos, verificando-se progressivamente (apenas a partir dos 5-6 anos) a preferência de amigos do mesmo sexo. Embora existindo em todos os grupos de idade, a categoria de “identidade de atividades ou interesses”, diminui particularmente no grupo de 7-9 anos: *gosto mais de brincar com meninas porque gostamos das mesmas coisas... bonecas, barbies e cozinhas e temos conversas de meninas sobre roupas e penteados* (7 anos, rapariga). A justificação por “identidade de comportamentos” aumenta com a idade, acontecendo o mesmo, embora com menos peso, com a justificação por “pressão social: *gosto mais de brincar com meninas porque as meninas são mais bem-dispostas que os meninos...são mais alegres* (7 anos, rapariga); *Como eu sou menina a mãe só me deixa brincar com meninas e ir para a casa delas brincar* (6 anos, rapariga). Comprovámos, assim, que as diferenças encontradas quanto à argumentação utilizada na justificação das suas preferências, dizem respeito à diferenciação entre argumentos baseados em tipos de brincadeiras, brinquedos e jogos e argumentos centrados em maneiras de ser ou de estar próprias do sexo escolhido e embora em menor grau à pressão social (sob a forma de sugestão) que atribuem a pais e a professores. As crenças infantis estão relacionadas, quase na totalidade, com o nível sócio económico, correspondendo aos níveis sócio económicos mais elevados, crenças mais evoluídas. Na generalidade, as crenças infantis, não estão relacionadas com o sexo, excetuando-se algumas crenças (tipificação de papéis de género: número respostas convencionais e preferência de brinquedos). De forma geral, a ausência de respostas é superior no sexo masculino, sendo as crenças do sexo feminino mais elaboradas. Comprovámos que a relação da estrutura familiar com o processo de construção de papéis de género é significativa, verificando-se que na estrutura familiar não convencional, as crianças respondem de forma menos tipificada, enquanto as crianças com estrutura familiar convencional, argumentam de forma mais tipificada. Relativamente ao nível de desenvolvimento cognitivo, entendido em termos piagetianos, as crianças conservadoras a nível de quantidades contínuas e

descontínuas têm crenças mais evoluídas do que as crianças não conservadoras. Nas questões de *tipificação de papéis de género (número de respostas convencionais e argumentos utilizados)*, a percentagem das respostas convencionais é superior para os não conservadores. A percentagem de argumentos mistos é superior para os conservadores. Na *preferência de brinquedos tipificados*, a escolha de “mistura com tendência feminina” e de “mistura com tendência masculina” é superior para os não conservadores, sendo a percentagem de “totalmente feminino” superior para os intermédios e a percentagem de “totalmente masculino”, superior para os conservadores. Quanto à *preferência de amigos e argumentos de escolha*, a escolha de amigos do mesmo sexo é superior para os conservadores, sendo a percentagem de escolha de amigos de sexo diferente superior para os não conservadores e intermédios, ocorrendo a escolha na categoria de indiferente apenas nos não conservadores. Quanto aos *argumentos de escolha*, a percentagem de “identidade de atividades” é superior para os não conservadores, enquanto a percentagem de “identidade de comportamentos” é superior para os conservadores. Os argumentos, na categoria de “pressão social” existem nos três grupos, sendo a sua percentagem superior nos intermédios.

Discussão

Este estudo revelou que as crianças do grupo de 3- 4 anos tipificam os papéis de género de forma convencional, utilizando como justificação, sobretudo, argumentos convencionais. Escolhem brinquedos tipificados. Preferem amigos “do mesmo sexo”, mas admitem brincar com crianças de sexo oposto. Justificam as suas preferências, utilizando argumentos de “identidade de atividades ou interesses”. No grupo de 5-6 anos, as crianças, nas questões de tipificação de papéis de género, utilizam menos respostas convencionais que no período anterior, utilizando, no entanto, mais argumentos de tipificação convencionais. Escolhem brinquedos “totalmente masculinos” ou “totalmente femininos”. Acentua-se nitidamente a preferência por amigos “do mesmo sexo”. Continuam a utilizar argumentos de “identidade de atividades ou interesses”, começando a referir também “identidade de comportamentos”. As crianças do grupo de 7-9 anos respondem ainda menos de forma convencional, a todas as perguntas de tipificação de papéis de género utilizando, no entanto, mais argumentos convencionais como justificação. Escolhem tendencialmente brinquedos “totalmente masculinos” ou “totalmente femininos”. Acentuam a preferência de amigos “do mesmo sexo”. Na argumentação, utilizam agora mais “identidade de comportamentos”. Nos resultados obtidos para a tipificação de papéis de género, comprovámos particularmente, os resultados obtidos por Goldman (1982; 1988), Lopez (1984) e Maccoby (1999). Através da escolha de amigos, brinquedos e preferências de género, comprovámos que manifestamente, cada género adquire desde cedo, estereótipos comportamentais e temperamentais acerca do seu e do outro género. A preferência de amigos, muda com a idade, verificando-se

uma tendência cada vez mais acentuada, para a escolha de amigos e companheiros de jogo do mesmo sexo. Enquanto existem muitas investigações acerca da preferência de amigos, poucas são as que investigam as razões de tal escolha (Goldman, 1988). Assim, consideramos pertinente no contexto desta temática, a comprovação, de que a identidade de atividades ou interesses como argumento de escolha, diminui com o aumento da idade (particularmente no grupo de 7-9 anos), aumentando a justificação por identidade de comportamentos. Verificámos que o sexo está associado com algumas crenças neste domínio e que os rapazes tipificam mais a preferência nos brinquedos. No que diz respeito à justificação para a preferência de amigos, os rapazes utilizam razões no âmbito da identidade de atividades e interesses, e as raparigas, razões de identidade de sentimentos ou comportamentos. Estes resultados são concordantes com os obtidos por Lopez (1984) e Goldman (1982). Comprovámos que a relação da estrutura familiar com o processo de construção de papéis de género é significativa, o que mostra que as crianças reproduzem os papéis que aprendem na família, sendo através deles que evoluem de forma geral a nível de identidade, papel e conservação. A sua relação com a tipificação dos papéis género, explica-se porque este é um aspeto muito influenciável pelas circunstâncias ambientais, demonstrando-se assim que no mais cultural, a aprendizagem social é definitiva (Bussey y Bandura, 1999 e Lopez, 1984). O presente estudo comprova ainda, a existência de relações significativas entre o processo de tipificação de género e o nível de conservação cognitiva. Quanto ao número de respostas convencionais às questões tipificadas, a categoria de todas as respostas convencionais, diminui dos não conservadores para os intermédios, sendo inferior no grupo de conservadores. A percentagem da utilização de argumentos de tipificação mistos e não convencionais, é superior nos conservadores. Os argumentos convencionais, predominam no grupo de intermédios, diminuindo nos conservadores. Facto curioso é o de ser no grupo de intermédios, que surgem em maior percentagem os argumentos convencionais tipificados e em menor percentagem, os mistos e os não convencionais. Podemos supor que tal aconteça por, na ausência da compreensão da natureza imutável da constância sexual, sentirem mais necessidade de tipificarem de forma mais rígida os papéis de género, que sobrevalorizam como identidade. Estes argumentos de tipificação (mistos e não convencionais), decrescem do grupo dos conservadores para o grupo dos não conservadores e, só depois, para os intermédios. Ou seja, os conservadores, porque já adquiriram o domínio da invariabilidade da noção de constância sexual, não tipificam tanto os papéis de género, pois estão conscientes que eles não são determinantes na identidade sexual (sua e dos outros). Consideramos, pois, que os argumentos de tipificação de papéis de género, mais convencionais ou mais rígidos, se associam a fases de não conservação cognitiva e consequentemente de ausência de constância sexual, conduzindo esta, a maior flexibilidade de argumentos tipificados. As investigações de Trautner *et al.* (2005); Ruble *et al.*, (2007) descrevem conclusões semelhantes para a relação entre as crenças de

género e a compreensão da constância sexual. Os conservadores escolhem maioritariamente amigos do mesmo sexo, preferência também existente nos intermédios e não conservadores, admitindo estes dois grupos, no entanto, amigos de sexo diferente em percentagens idênticas. Todos os grupos referem como motivos de escolha de amigos, predominantemente, identidade de atividades ou interesses, existindo diferença na referência a motivos comportamentais, que aumenta por ordem crescente dos não conservadores para os intermédios e conservadores. De forma muito semelhante, nos argumentos de escolha de género, os motivos recreativos decrescem dos não conservadores para os intermédios e conservadores, contrariamente aos motivos temperamentais, que aumentam. Na nossa opinião, o aumento da referência a motivos de identidade de comportamentos no grupo de intermédios e conservadores cognitivos, está relacionada com sentimentos de pertença e de identidade de género, mais evoluídos (já com domínio da constância genital), a que não são alheias, certamente, as capacidades progressivas de descentração cognitiva e de verbalização do pensamento em níveis superiores. Esta explicação pressupõe a atenção redobrada a modelos do mesmo género, após a aquisição de constância sexual, pelo que apoia, pelo menos parcialmente, a teoria de Kohlberg (1972), promovendo em simultâneo, sentimentos de pertença, conexão e avaliação positiva do grupo (Crocker, Major, e Steele, 1998, citados por Ruble et al., 2007). O grupo onde existe maior referência a motivos por pressão social, é o de intermédios. Talvez as crianças deste grupo, sejam mais influenciáveis à opinião dos pais e dos professores (fontes de tais pressões no seu ponto de vista). Os motivos sexuais, são superiores no grupo dos conservadores, o que sublinha a sua capacidade de entendimento das diferenças genitais bem como da constância sexual. Comprovámos a existência de processos evolutivos ou de diferenciação nas crenças infantis analisadas, associados a vários fatores. Para além da idade, o nível socioeconómico, a estrutura familiar e o nível de desenvolvimento cognitivo (entendido em termos piagetianos), estão associados, significativamente, às características específicas das crenças. Assim, as crianças de nível sócio económico alto, conservadoras a nível de desenvolvimento cognitivo possuem crenças mais elaboradas. A estrutura familiar, quanto à sua convencionalidade está associada, particularmente às crenças de tipificação de papéis sexuais e aos seus argumentos de tipificação, sendo as crenças das crianças pertencentes a estruturas familiares convencionais, mais tipificadas e as das famílias não convencionais mais flexíveis e menos tipificadas.

Referências

Barragán, F. (1991). *La Educacion Sexual. Guia Teórica y Práctica*. Paidós: Barcelona.

Badinter, E. (1992). *XY A Identidade Masculina*. Edições ASA: Porto.

Bussey, K. E Bandura, A. (1999). Social Cognitive Theory of Gender Development and Differentiation. *Psychological Review*, 106, 676-713.

Calderone, M. e Johnson, E. (1983). *The Family Book about Sexuality*. Bantam Books: New York.

Carey, S. (1985). *Conceptual Change in Childhood*. MIT Press: Cambridge.

Durkin, K. (2005). Children's Understanding of Gender Roles in Society. In M. Barrett, E E. Barrow (Eds.), *Children's Understanding of Society*. Psychology Press: New York.

Goldman, R. E Goldman, J. (1982). *Children's Sexual Thinking*. Routledge And Kegan Paul: London.

Kohlberg, L. (1972). Análisis de los conceptos y actitudes infantiles relativas al papel sexual desde el punto de vista y del desarrollo cognitivo. IN *Desarrollo de las diferencias sexuales*. Marova: Madrid.

López, F. (1988). *La Adquisición de la identidad sexual y de género: I. Infancia- Adolescencia*. In Fernandez, J. *Nuevas Perspectivas del sexo y del genero*. Pirámide: Madrid.

López, F. e Fuertes, A. (1989). *Para Compreender a Sexualidade*. APF: Lisboa.

López, F. (2005). *La Educación Sexual*. Editorial Biblioteca Nueva: Madrid.

Maccoby, E. (1990). The role of gender identity and gender constancy. *New Directions for Child Development*. No 47, 5-20.

Maccoby, E. (1999). *The Two Sexes. Growing up apart, Coming Together*. Harvard University Press. Cambridge.

Mantilla, L. (2006). Rapazes, Raparigas: iguais, mas diferentes. In J. Bas et al (Eds.), *Enciclopédia Dos Pais. Como ser Melhores Pais. Parte I Enciclopédia Dos Pais. Como Ser Melhores Pais, Parte I*, (Pp. 98-101). Imprensa Livre, S. A: Rio De Mouro.

Marques, A. M. ; Vilar, M. e Forreta, F. (2002). *Os Afectos e a Sexualidade na Educação Pré-Escolar*. Texto Editora: Lisboa.

Money, J. e Ehrhardt, A. (1972). *Man, and Woman, Boy and Girl*. University Press, Johns Hopkins: Baltimore.

Piaget, J. (1981). *La Representación del Mundo en el niño: Morata*, Madrid.

Piaget, J., e Inhelder, B. (1969). *The psychology of the child*. Basic: New York.

Ruble, D. N., Taylor, L., Cyphers, L., Greulich, F., Lurye, L. E ShROUT, P. (2007). The Role of Gender Constancy in Early Gender Development. *New York University. Child Development*, Volume 78, Number 4, Pages 1121 – 1136.

Trautner, H. M., Ruble, D. N., Cyphers, L., Kirsten, B., Behrendt, R., E Hartmann, P. (2005). Rigidity and Flexibility of Gender Stereotypes in Children: *Developmental or Differential? Infant And Child Development*, 14, 365 – 381.

Zapian, J. (2001). *Educación Afectivo Sexual*. Comunicação apresentada no Seminário Educação Sexual: Da Promoção da Saúde à Cidadania. Lisboa.